

ECHO MUNICIPAL

ORGAN LITTERARIO, NOTICIOSO E IMPARCIAL

PROPRIETARIOS—MOREIRA & SEIXAS.

REDACITOR—Manoel Saturnino de Seixas

ECHO MUNICIPAL

23 de Março de 79.

Ainda a Assembléa Provincial e a Igreja do Sr. Bom Jezus da Cachoeira.

Proseguindo na santa cruzada de procurar demonstrar á evidencia a imprescindível necessidade que cabe á Assembléa Provincial de vir em auxilio da terminação das obras da capella do Senhor Bom Jezus da Cachoeira, temos a acrescentar que a caridade publica tem já feito em beneficio d'esta obra o que, em relação aos parcos recursos do lugar, se pode humanitariamente fazer.

Mais de uma commissão de prestantes e devotados cidadãos, possuidos de verdadeiro sentimento religioso, tem promovido e levado á effeito alguns leilões de prendas, para os quaes tem concorrido toda a população d'esta e da vizinhas localidades, e com cujos resultados conseguio-se pôr o interior d'aquelle templo ao abrigo das chuvas, que já começavam a destruir o emmadeiramento n'elle empregado.

Fez-se, já á expensas publicas, o embargo do telhado que actualmente se acha em bom estado, restando apenas, para a conclusão de todo o edificio fechar-se-o, assallar, e n'elle levantar-se um altar ainda mesmo provisoriamente.

Para levar á effeito esta obra, será talvez sufficiente a verba de 2:000\$000, verba que esperamos piamente que a Assembléa se dignará deixar consignada na lei do orçamento.

E' um appello que fazemos em nome de uma população inteira que prima pelos manifestos sentimentos religiosos que a caracteriza.

Ha mais de um voto de particulares que se prestam a auxiliar o andamento d'esta obra, mas que vão ficando sem razão de ser, e cahindo em exercicios fúidos pelo simples facto de não virem reanimar os nesse pio desejo os representantes da Provincia.

Estamos, porem, convencidos que si a Assembléa votar em beneficio da Igreja do S. Bom Jezus a verba que pedimos, não faltarão almas bem formadas e caridosas que venham secundar a; e desta maneira veremos com indizível contentamento realizado um sonho que ha tanto nos

acompanha:—a conclusão da capella do Senhor Bom Jezus da Cachoeira, a margem esquerda do Parahyba.

Temos aqui uma rica imagem do Padroeiro, e algumas effeitas do antigo templo que fôra destruido pela mão do tempo.

Entretanto que a propria imagem vive de Herodes para Pilatos, sem haver um lugar decente em que se a deposite. Ella já actualmente n'um pequeno e esguio predio destinado á Santa Cruz, recinto tão acanhado que mal accomoda uma duzia de fiéis.

Ahi sobre velhos e denegridos mochos, ou lobrega mesa se acha depositada a veneranda Imagem do Senhor Bom Jezus.

Ahi, uma ou outra vez, apesar da escassez do espaço, diz missa o respeitavel Vizario da Paroquia, e cujos ouvintes na sua maior parte occupam o exterior do predio, por n'elle ser impossivel conter certo numero de pessoas.

Dizemos uma ou outra vez, por que as missas conventuaes são ditas invariavelmente á margem direita do Parahyba, em Santo Antonio propriamente dito, onde nem sempre pôde ir a população da margem esquerda não sómente por causa da immensa distancia que separa um lugar do outro, como ainda e principalmente, devido ao grande obstaculo da passagem por meio da balsa do Parahyba.

Aqui, na microscopica capella de S. Cruz vão as nossas familias elevar suas preces ao Altissimo, tendo de genuflexar-se em um sólo terreo e humido que ás mais das vezes inutilisa, ou estraga as suas vestimentas.

Não pensamos com aquelles que entendem que o corpo deve ser macterado para o espirito elevar-se á Deos. Pensamos ao contrario, que a materia deve repousar tranquillo para d'ella separar-se tambem tranquillo o espirito e tocar até Deos.

Como pôde, pois, realizar-se essa ascensão espirital desde que, a mulher principalmente, que é vaidosa por excellencia, sente manifesto mal-estar no recinto destinado ás orações?

E ainda por que os templos devem ostentar certo fausto que deslumbre a nossa imaginação de tal maneira que nos conduza á contemplação; da contemplação nasce a prece e até verdadeiros hymnos de adoração ao Creador.

E' manifesta falta de sentimento religioso continuarmos a observar de braços cruzados o descalabro, a

anarchia e falta de decencia que predominam em nossas Igrejas do interior.

Clamam diariamente, até alguns collegas de Imprensa:—« Caminhemos para um completo desmoroamento social; a falta de crenga religiosa lavra assoberbada por todas as camadas sociais; em cada cidadão descobrimos um athéu, os impios se arregimentam, e Ganganelli os capitaneia, etc. etc. »

Nada tem Ganganelli com o mal que vem dos proprios ministros que se dizem de Christo.

Não fallamos si não genericamente.

E nem somos pessimistas: cremos que no clero ainda se encontram verdadeiros ministros de Christo, do verdadeiro Christo; Ganganelli não pregou a liberdade de pensamento, a fraternidade humana e a egualdade dos seres. Aos verdadeiros Apostolos do Homem Philosopho dobramos reverentes e humilhados, porque n'elles reconhecemos a autoridade que vem do Alto.

Aos outros—nunca.

De nossa parte, entendemos que o progressivo amortecimento da fé tem sua origem n'aquelles que, tendo vindo ao mundo exclusivamente para conduzirem um rebanho de fiéis—esquecem-se d'esse sagrado mandato para arregimentarem um rebanho de ambições desenfreadas, de aspirações inconcessaveis, e tantas outras pecaminosas intenções que devam sem duvida andar muito arredadas d'aquelles que só devem acalentar em seus corações: pureza de costumes, legitima abnegação pelas cousas espirituales e completo desapêgo dos bens terrenos.

Venham os bons exemplos do nosso clero, e o povo revestido de crengas puras, de verdadeira fé povoará os templos do Senhor, attenderá ao mais leve acêdo do seu pastor, e as proprias ovelhas desgarradas unir-se-hão ao immenso rebanho.

Só então teremos templos regulares e decentes para o culto divino.

Por que « da união vem a força, » como diz E. Pelletan.

Tolerancia para com os transfugas, indigencia e brandura para com os benignos; amor, docilidade e brandura para com todos:—eis os tramites que se abrem diante dos passos do verdadeiro Apostolo do Christo.

Elle, o Filho Excelso de Maria,

quando pregava mostrando a luz e espalhando as trevas, jámais apontou como argumentos convincentes os chammos da fogueira inquisitorial, os horrores da grêlha ou o pavoroso aspecto da guilhotina. Não!

Elle pregava o amor, que funde-se em um só cadinho, resultando d'elle a trindade santa: Liberdade, Fraternidade-Egualdade.

Sejamos livres, irmãos, eguaes e unidos e tudo conseguiremos.

Então os nossos templos terão em cada um de nós um esforçado e devotado obreiro: cada qual concorrerá com a sua pequena pedra para a sua edificação e desta maneira teremos contribuido tambem para a reconstrução do grande edificio social tão baldo de alieceres e solidéz.

O Sr. Saldanha Marinho.

Um illustre adépto do Ultramontanismo puro, e Collaborador da vizinha Gazeta ainda agora faz estampar no n. 36 uma soberba amostra da declamação fôfa, retrograda, insulsa e ousada até, quando leve o arrojo de avançar uma proposição como esta: « o que pretende o chefe autorisado da Maçonaria, aquem o governo imperial deu entrada escandalosa (!!!) na Camara dos Deputados? »

Por ventura o sr. Saldanha Marinho está ao alcance da lama putrida que tenta em vão salpicar-lhe a veneranda fronte?

—Não por certo: está sem duvida muito além das mediocridades que sentir-se-hão sempre fulminadas ante aquelle colosso do seculo XIX, que se chama Ganganelli!

Ganganelli não teve entrada escandalosa na camara dos Deputados, como dizeis oh! Ultramontanos; tende ao menos o merito da lealdade: sabeis que a sua entrada para o recinto da livre discussão—foi apenas a expressão fiel da espontaneidade de um povo verdadeiramente Americano!

Ganganelli jámais pediu a mais pequena graça.

Vós bem o sabeis.

Nem mesmo aos seus concidadãos.

Ao contrario, tem-se esquivado a um sem numero de postos honrosos que a munificencia popular lhe teria por immensas vezes conferido, á não ser a sua reluctancia em acceptal-os.

—Sabei mais, srs. Ultramontanos, que não somos *Padreiro Livre*.

Admiramos em *Gangavelli* o modelo do cidadão verdadeiramente cidadão!...aquelle cujo nascimento fôra fatalmente anticipado pelo destino: Gangavelli veio ao mundo observar pezaroso uma sociedade de Titeres; o seu seculo deveria ser outro que não este, que vae se celebrizando pela chusma infreco de pygmæos que se dizem Titaas.

Livius.

Parecer do Dr. Promotor Publico da Comarca nos autos do barulho, dado em a noite de 6 de Fevereiro do corrente anno.

Examinando estes autos, encontramos—1º que o facto de que aqui se tracta não está no caso do procedimento official;—2º que concedida mesmo a existencia do procedimento official, o inquerito policial que se procede, e que se vê a fls. não fornece dados sufficientes para se conhecer os delinquentes.

Não é caso de denuncia, porque o auto de corpo de delicto é o passo essencial para bem se aquilatar a natureza e a gravidade dos delictos; ora

classificação de leves os ferimentos que houverão, constituindo hypothese do art. 201 do cod. criminal, ainda mesmo considerando o auto de corpo de delicto a fls. 4, assim pensamos porque trata-se da materia regida pelo art. 266 do cod. criminal, cuja penalidade no maximo é de 40 dias, e por consequencia não constituindo caso de denuncia.

Assim pois deixamos de offerecer a mesma.

E' deploravel entretanto, que sendo esse facto grave, como o que se deu em a noite de 6 do corrente, que poderia ter serias consequencias, se não fosse obstado em sua execução pela prudencia que appareceu a tempo, escape assim facilmente a punição da lei, taes foram as condições e circunstancias do que ficou revestido.

Do inquerito a fls. resulta claramente uma verdade: a força publica ali estacionada parece não offerecer garantia sufficiente á segurança e á tranquillidade individual, e isso é claro, porque parece que se afrouxaram completamente os laços de respeito que devem existir entre os cidadãos e a força que vela por sua segurança.

Enunciando esta verdade, não desconhecemos com tudo que ha n'aquella freguezia verdadeiros elementos de desordem, e que demandão da parte d'authoridade muita energia, afim de que haja uma verdadeira repressão pela lei, que é superior a todos, que garante a todos, e deve merecer geralmente o respeito devido. Resultando pois estas consequencias, requeremos que se tire uma copia destes autos, e remetta-se ao Ex.^{ma}. Sr. Presidente da Provincia, afim de formar um juizo exacto sobre aquelles

acontecimentos, e dar as providencias que o caso exige. Enunciamos assim a nossa opinião, porem V.S. fará o que fór de justiça e de direito.

Lorêna, 18 de Fevereiro de 1879.

O Promotor Publico

José Ignacio de Macedo.

NOTICIARIO

Promotoria da Comarca.—Em outra secção de nossa folha damos hoje publicidade ao parecer que emitio o muito digno e illustrado Promotor publico da Comarca, sr. dr. José Ignacio de Macedo, nos autos do motin havido n'esta freguezia na noite de 6 de Fevereiro passado.

Folgamos immenso em ver confirmado no parecer do nobre Promotor, o juizo que externamos em nosso periodico de 16 de Fevereiro do corrente anno relativamente áquellas occurrencias.

Chamamos para esse luminoso parecer a attenção dos nossos leitores.

Jury de Lorêna.—Presidente do Tribunal o Exm. Sr. Dr. Carlos Espiridiao de Mello e Mattos, Promotor Publico do Tribunal de Lorêna, Escrivão—João

Sessão de 19 do corrente. Entrou em julgamento o réo Fernando de tal, accusado de ter feito uso d'assignatura falsa do sr. Augusto de Godoy Bueno, em um bilhete, por meio do qual obteve um par de botinas em casa de negocio de Francisco Antunes Guimarães. O réo tinha soffrido 6 meses de prisão, até que chegou o dia do seu julgamento.

Findos os debates tendo havido replica e trepica, foi o réo absolvido por 7 votos em consideração ao tempo em que ja esteve preso sem julgamento.

As sessões do jury porem desta cidade ja custam muito a funcionar pelo não comparecimento dos jurados. O Exm. sr. dr. Luiz de Direito tem sido energico, multando-os na forma da lei, mas a Camara Municipal desta cidade não tem cumprido os seus deveres cobrando as respectivas multas, que segundo somos informados, ja andão por trescentos e tantos mil reis, e nem um vintem tem entrado para os cofres da municipalidade.

D'esta maneira, pois, para se fazer uma sessão de jury é preciso empenhar-se com os jurados para comparecerem, mas isto é um abuso inqualificavel que não deve continuar.

Voltaremos mais tarde a este assumpto.

Fôssos.—Por mais de uma vez temos chamado a attenção da Camara de Lorêna para o estado deploravel em que se acham as diversas ruas d'esta desberdada freguezia, porem sempre em vão. Já uma vez lha ponderamos que um grande fôssco existente em frente ao predio do sr. dr. Costa, no pateo da estação ameaçava as proprias vidas dos transeuntes que alli podiam ser precipitados a noite.

Apezar, porem, de haverem reclamado a obstrução d'aquelle fôssco, elle continuou a permanecer ali, com gravame da população, constando nos até que um dos srs. Engenheiros encarregados da exploração do lugar afim de tomar as medidas sanitarias, fora victima d'aquelle fôssco, onde/dizem-nos que fraturara uma perna, ficando, por consequente impossibilitado de proseguir na commissão de que se achava encarregado.

Nem assim a Camara providenciará?

Veremos.

Chuvvas.—Continuam interminaveis as chuvvas que ultimamente têm-se tornado excessivas em nosso municipio. A nossa lavoura ja começa a resentir-se dos deletérios effeitos e da inopportuniidade das chuvvas torrencias que não somente darão lugar a quasi total perda da cultura do feijão como trará inevitavelmente muita

palha e pouco grão em referencia aos milharões.

As nossas estradas estão se tornando intransitaveis.

Juramento e posse.—A 15 do corrente prestou juramento e tomou posse do lugar de Subdelegado da policia n'esta freguezia o nosso amigo sr. Bento Barboza Ortiz.

Saudamos a s.s.

Assembléa Provincial.—Trata-se presentemente no recinto da Assembléa d'esta Provincia de adiar-se as futuras eleições para 2 de Dezembro assum como a reunião da nova Assembléa, para Maio em vez de Março como é de praxe.

Chama-se a isto contemporisar.

Discute-se igualmente n'aquelle recinto a mudança da barreira do Piquete para a estrada que communica o Cruzeiro com esta freguezia: é assumpto importantissimo este e sobre o qual trataremos largamente mais de espaço.

Camara Municipal do Cruzeiro.—Devido a um d'estes milagres, verdadeiro milagre, um d'esses phenomenos inexplicaveis, sempre reunio-se a *Illustrissima* do Cruzeiro, a 17 do corrente sob a presidencia pessiva do sr. Firmo de Mello.

O nosso amavel collega de veranca, —sr. Novaes, que segundo nos consta tem feito *brilhaturas á mão direita* (olhem que não é do Padre Eterno!) do nosso gracioso presidente sr. Mallo, foi infallivel no correr da presente sessão... E como não havia de ser, se tem tanto afazer?... concertos da estrada de sua fazenda, privilegios especialissimos para altos senhores, futuros fidalgos e proprietarios de nucleos coloniaes, expulsão de vereadores que não lhe convêm á frente da municipalidade, etc.!

Consta-nos ainda que o nosso amavel Vigario do Cruzeiro coopera mui directamente para a consecução dos *louçaveis* fins a que se propunha o seu particular amigo e co-religionario, sr. Novaes.

Folgamos com isso.

No n. seguinte d'esta folha seremos por de mais proximos n'esta materia, por isso que publicaremos a integra de uma representação que em data de 19 do corrente fizemos a este respeito a S. Ex.^{ma} o sr. dr. Presidente da Provincia, assim como de importantes documentos que virão pôr á mostra a calva de muita gente boa.

Não anticipemos os acontecimentos.

Desastre e mortes.—A 19 do corrente, os dois irmãos Francisco e João, este de 20 e aquelle de 15 annos de idade, filhos de Pedro Antonio Rodrigues, vulgarmente conhecido por Pedro Elias, ao atravessarem o Parahyba, em uma pequena e esguia canoa, nas alturas da fazenda do Capm. Sr. José Gomes Serapio, nas proximidades d'esta freguezia, vindo a canoa carregada de areia infelizmente fôra á pique na parte mais central e correntosa do rio, e os dois infelizes foram ao fundo. Um d'elles, o mais moço, voltando a tona d'agua lutara muito contra a correnteza, porem de balde! Ambos foram victimas, do mesmo genero da morte por submersão e tiveram por tumulos o profundo leito do Parahyba.

Posto que a autoridade e pessoas da familia dos fallidos tenham empregado toda a actividade e vigilancia, até a hora presente só se conseguiu encontrar a um dos cadáveres no qual seprecedeu auto de corpo de delicto.

Lamentamos de veras um tal acontecimento e não podemos deixar de censurar a imprevidencia de tantos outros que com o maior e mais insólito sangue frio—soltam diariamente as caudalosas aguas do Parahyba em qualquer casa de nós.

Obito em Villa Bella.—A 22 do passado rendeu a alma ao Creador em Villa Bella desta provincia a Exma. srna. d. Maria do C. Nascimento, digna e virtuosa esposa do nosso amigo sr. Manoel José do Nascimento. Era a finada um dos melhores ornamentos da sociedade Villa Bellense, onde deixa um vacuo difficil de ser preenchido. Acompanhamos ao nosso inconsolavel amigo no duro transe por que vem de passar. A' elle e sua exma. familia enviamos nossos pezames.

Paulo Affonso.—Recebemos o n. 18 do *Paulo Affonso*, periodico imparcial, noticioso, commercial e litterario que sob a redacção do illustrado sr. Achilles Balthino de Lelles Mello, se publica na Cidade do Pão de Assucar, provincia das Alagoas. Agradecemos ao illustre collega a obsequiosidade da remessa do seu jornal, retribuir-lhe-lemos com a remessa do *Echo Municipal*, que o cumprimenta.

Litteratura

Biz-mé.

Oh! Maria, os teus cabellos,
Tão compridos e cerrados,
São tão pretos e luzentes!
Diz-me só quem os encdea
Teus cabellos de serena?
—As pomadas e os crescentes.

Os teus olhos são tão negros,
Negros, negros de matar!
Oh! diz-me quem é que os faz
Ter esse brilho e fulgôr
Das estrellas, minha flor?
—Fingimento e nada mais.

As tuas faces tão finas
Tem a cor ora da rosa,
Mas logo a cor do jasmim;
Oh! diz-me por piedade,
Quem lhes da variedade?
—O pó de arroz e curmim.

Os teus dentes são tão alvos,
Tão alvos como o marfim;
Oh! diz-me ainda uma vez
Se foi obra da natureza
Tanta limy e tanta alvura!
—V'alcante ou pó chinês.

Os teus seios tentadores,
Tão sedosos, palpitanes,
Quaes me diz o pensamento,
Quem os fez assim tão bellos,
Que eu morrêra só de vel-os?
—Espartilho e enchemento.

Tua cintura gerboza,
Tão delcada, tão fina,
Quem lhe deu esses quebrados
Semelhante aos da palmeira?
Quando verga a vez primeira?
—Os colchetes apertados.

Nos bailes toda orgulhosa
Tu pias com tanta graça,
Qual a rola do serbio;
Oh! diz-me, quem pôde dar
Tanto garbo ao teu andar?
—Os puffs e o boido.

O teu péssimo mimoso,
Tão pequeno, tão bem feito,
Que mal na walsa se vê,
Quem foi-o assim compridinho,
Tão galante, meu anjinho?
—A botina Mellier.

Agora diz-me sómente
Quem faz que com aquelle joven,

Cheio de mago pallor,
Te correspondas, Maria,
Te incense na poesia,
Qual incensa a aurora a flor?

Quem faz com que sejas anjo
Na terra, e elle te adora
Como se adora o Senhor?
E o crescente, a pomba,
...Toda essa tralhalhada?
Pois não! — E' o amor.

Do Espirito Santense.

Variedades

A mulher

A mulher? Fogo que nos devora, como a luz a mariposa, que nos prende, nos fascina, nos seduz e nos perde. Livro magico onde a leitura é sempre varia, o estylo dauidoso, o assumpto diverso e as paginas multicores. Arvorado ora florido, ora desnudado, conforme sópra a brisa da primavera ou a viragem do outono. Lume em um instante e treva no outro; sorriso agora, e logo o pranto, affirmação seguida de negativa, recusa prenuncia de offerta—o inigma—a duvida—a inconstancia—a incerteza—tudo isso é a mulher, se ella pôde ser alguma cousa. Pilha electrica quando quer, o mais firme rochedo se despreza. A mulher? Heroína, martyr patriota, a mãe, a esposa, o anjo da guarda, mas... Messalina e Borgia!... Lucrecia e Virginia—Dalia e Cleopatra.—Oh! mulher! que sopro divino te deu tão angelicas feições, fez desabrochar o teu sorriso e pôz em teus labios o balsamo que vivifica e o veneno que corrói? Kisahi a mulher. Causa impossivel para a dedicação. Prisma de mil cores. Elemento de força e de fraqueza. Ser e não ser—anjo e demonio. Ella curva-se sobre o leito do filho, moribundo e pendido da ultima aspiração da vida que se vai escapar dos labios frios. Ella sacrifica a propria vida pela do esposo e pelo futuro da familia. Ella inspira admiração e respeito como a perola do lar, como a depositaria

do que mais santo tem o homem. Mas infelizmente encontra-a-heis cambaleante, desgredhada, com as mãos tremulas, pallida e convulsa, escondendo o rosto rubro pela vergonha após a consumação do crime, depois do aviltamento da honra. Um mythôas vezes, ás vezes horrivel!

Matutina

Conclusão

(Vide o n. 34)

A furia que se desencadeara na atmosphera viera apressar a realização da vingança, que em contínuas noites, como ferro em brase, lhe esculdava o cerebro.

Lançando uma vista rapida e vendo a grande mangueira:

—E' alli o seu azylo! Lá estão sem duvida perto um do outro a rirem-se de mim... riam-se!... riam-se!

E n'um instante transpôz o campo e zombando das difficuldades do terreno, como um gamo, sem apoio, galgou a rocha e em poucos momentos achava-se de frente dos dons amantes assombrados e pallidos á sua vista.

—Meu marido!...—Pedro!.. gritaram os dois.

—Não me esperavam de certo! Não esperavam que lhes viesse perturbar seus socegados gôzos. Já basta de fingir. Hoje deve acabar de uma vez esta vergonha que me lançaram ás faces. Tu, traidor e infame, recebeste em minha casa azylo franco quando vinhas quasi morto; conhecendo a fraqueza desta mulher desgraçada seduziste-la. Sabia-o ha muito...

—Cuidavas que me havia de cuspir ás faces, e eu havia de soffrê-lo vil e covardemente como um miseravel?

—Cuidavas o mesmo, perfida, que me ludibriavas em quanto eu te amava e respeitava?...

A chuva ia cessando, mas o horisonte ainda negrejava, e o Tietê no seu leito rugia com rugir de demonios.

Pedro, a cada palavra que proferia acompanhada de uma intonação horrivel, ia crescendo para os dois, terrivel e ameaçador. E o passo da rocha em que estavam ia-se tornando mais estreito.

Seus olhos brilhavam com sinistro fulgor.

Como uma onça raivosa, atirou-se sobre seu rival. Começou então uma lucta desesperada. Ambos estorciam-se, enroscavam-se como duas serpentes tentando cada um precipitar o outro no abysmo. Pedro, mais robusto conseguiu fazer perder o equilibrio a Alonso; ia já arrojado da montanha abaixo.

Matutina dando um grito de agonia indescriptivel lançou-se entre os dois.

Pedro reunio n'um esforço supremo todo o seu desejo de vingança, e dois corpos resvalando no declive do monte foram cabir despedaçados pelas pontas da rocha no negro seio do rio.

Pedro Juráa debruçado á borda do abysmo, com um riso de louco contemplou-os algum tempo; depois, silencioso desceu o monte e internou-se na floresta...

Quem passa perto de Rû em dias de tempestade julga ouvir por entre o estrondo do Tietê um grito de angustia e um ruido como do baquear de um corpo, e ao mesmo tempo ver um vulto disforme á borda do despenhadeiro, immovel, e como a escutar.

E Pedro Juráa que vai espreitar a mulher e o amante no fundo do rio.

1869.

Taxeira de Souza.

Um Martyr

CONTO ORIGINAL POR

Calunio Reperai.

Offerecido a

Eutico d'Albuquerque

III

CONFIDENCIA

No dia seguinte Alipio não appareceu na aula. Impressionado pela

sua saude. Então recebeu tambem a triste noticia da morte de Cyro o moço, a quem amava como a filho proprio; mas o que mais particularmente sentio foi o genero de sua morte.

Aquelle herôe, cego de ambição, tocou as armas contra Artaxerxes, seu irmão mais velho. Marchou para a Babilonia á frente de cem mil barbaros, de vinte carros armados e de treze mil Gregos, sobre os quaes apoiava toda a esperanza de sua empreza. Esperou o seu irmão em Cunaxa, a vinte leguas de Babilonia, com um exercito de um milhão e duzentos mil homens e de cento e cincoenta carros armados de fôuces. Um pouco antes da batalha, aconsellou Clearco, general dos Gregos, a Cyro, que não expuzesse sua pessoa, e que se mantivesse por detraz dos batalhões dos Gregos.—O que vos atreveis a dizer-me? replicou Cyro: que dizeis? Com que, pretendes que, quando aspiro a ser rei, me torne indigno de sel-o? Tomou seiscentos cavalleiros na flor da cavallaria, e pelejou com elles á cabeça descoberta, porque tal era

o costume dos Persas em um dia de batalha. No conflicto avistou uma tropa de seis mil cavallos que seu irmão mandava: carregou sobre ella com seus seiscentos cavalleiros, matou o segundo chefe pela sua propria mão, e dispersou toda a tropa: então diviso a seu irmão, que não tinha deixado o campo de batalha: precipitou-se sobre elle com os olhos scintillantes, eu o vejo! eu o vejo! Artaxerxes o esperou a pé firme: ambos os irmãos, tão encarnigados um contra o outro, como Etracles e Polynices diante de Thebas, combatem com raiva. Mataram ao rei o cavallo; levantou-se, montou em outro, e correu ao seu competidor, e o recebeu com a mesma intrepidez e o feriu de novo. Artaxerxes, como leão furioso, se arrostou novamente com elle com a cimitarra levantada, e lhe atravessou com ella o peito. Quiz Cyro vingar-se, porém vacillou e cahio morto. A maior parte dos officiaes, que o idolatravam, perdera as vidas sobre seu cadaver.

Assim acabou na flor de seus

falta de um ente per quem já me interessava, procurei-o de tarde.

Ao passar para o seu quarto notei em um pequeno gabinete de trabalho tres meninas: a mais velha teria vinte annos; as outras eram mais novas: uma aularia por treze, a outra por onze.

Entrando no quarto do meu amigo encontrei-o sentado a uma mesa com a cabeça encostada nas duas mãos.

Alipio, quer-se matar? lhe perguntei eu pousando-lhe familiarmente a mão no hombro direito. Bem vejo que não és feliz; mas olhe, eu tambem não sou feliz. Dentre os nossos condiscipulos todos são estranhos para nós; quer o sr. que sejamos amigos?... Partilharmos os nossos desgostos: é já meio caminho para triumpharmos d'elles. Faça-me isto que lhe peço; aceite a minha amizade e dê-me a sua, sim?

Aperrou-me a mão convulsivamente e não me respondeu; aquelle aperto de mão e duas lagrimas mal comprimidas, que lhe borbulheram nos olhos, foram resposta bem eloquente.

Alipio accitava a minha amizade.

Decidi-o a sair, e fomos sentar-nos no formoso passeio d'Alcantara. Eram quatro horas da tarde. Não apparecia ninguém. O dia estava carregado de nuvens, ventoso e frio, como tantos ha na estação invernal de Lisboa.

Passado um momento de silencio, custoso para ambos, foi elle, que primeiro o rompeo.

—Mas porque se interessa por mim, não sabe que sou um desgraçado?...

—E' porisso mesmo, respondi eu, é porque pode-lhe no seu rosto que soffria... e é tão doce dar consolação a quem soffre!... Demais, eu veria aqui isolado, mais isolado que tu, deixas-me assim tractar-te, sim? vivia mais isolado, por que nem familia aqui tenho, em quanto que... —Familia... eu?... é todo meu pai e bastantes legos d'henho.

—Mas aquellas meninas, que depois vi?

annos aquelle joven herôe, que manchoou com sua ambição immoderada as mais luzidas prendas. Aristides o chorou como se fosse filho seu, e jádôr-acabou de cortar o fio quejalinda o prendia á vida.

Um dia, ao levantar-se da mesa, no me! boedromion (setembro), teve um desmaio. Conhecendo que estava já chegada sua morte, mandou ás suas netas que se aproximassem e lhes disse:—Deixai-vos de lagrimas e de honras fúnebres: com virtudes é que se honram as cinzas dos pais. Dalli a pouco expirou, dizendo:—Vou dormir um longo sono.

Alcibiades influia para que seu corpo se transportasse ao porto de Phalera, onde os Athenienses lhe erigiram um sepulchro, e estenderam sua generosidade até sobre os descendentes daquelle grande homem.

Phaloe, sua neta mais moça, se casou com um Thebano, que era parente de Phanor, esposo de Athénais, a quem fez feliz.

Da (Palestra das Priminhas.) Ena

FOLHETIM (11)

Aristides o Justo

Aristides, algum tempo depois, viu-se obrigado a separar-se do seu doce retiro, que elle chamava seu paraíso, e as lagrimas humedeceram seus olhos: mais de uma vez voltou a cara para se despedir delle e das arvôres que plantara.

Sua neta Athenais, tendo casado, foi para Thebas com seu esposo. Aristides os acompanhou. Os Athenienses assim que souberam que aquelle homem justo e desgraçado estava em Thebas manifestaram seu regozijo e sua generosidade. Levantaram-lhe o desterro por concenno geral, e o Prytaneo deu a cada uma das suas netas por dote tres mil drachmas. Mas Aristides não gozou muito tempo daquelle mudança de fortuna, pois, ou fosse a differença do clima, ou o effeito que nelle fez uma alegria demasiado forte, principiou a declinar

« Não é família minha. Entendo que só se pode, só se deve dar esse sagrado nome a quem nos ame como sangue do seu sangue, alma da sua alma; d'esses só conto meu pai. Aquella: são umas segundas primas, em casa de quem vivo.

« Poi bem; mas, dizia eu, que te vi transluzir na fronte o soffrimento e o meu coração adivinhou as torturas do teu. Quiz ser teu amigo, suppliquei-t'o e tu destem-me a tua amizade. Agora, em nome d'essa mesma amizade, quero saber por que soffres. Sem a franqueza, sem a confiança, não pode existir esse nobre affecto. São o terreno d'onde brota essa flor—tão grata ao coração. E de que serviria ella se entre dois amigos se não desse a permutação dos prazeres e dos desgostos, dos risos e dos prantos, da felicidade e da desventura?

« E' verdade, é verdade... tornou elle como fallando consigo mesmo: e depois... é preciso que eu mostre estas ideias, que me escaldam, que eu solte esta dor que me abraça.

« Resolvi frequentar primeiro o curso da arma de infantaria: estudei os preparatorios da Polytechnica e este anno tinha-me matriculado na escola do exercito, esperando concluir o meu curso.

« Até ao fim do anno passado vivi perfeitamente. Os meus prats eram dados para a casa como auxilio da despeza: e para me vestir, comprar o meu livro, ou para o mais, de que precisava, vendia alguma traducção d'alguma comedia ou romance francez. Todo entregue ao trabalho das minhas aulas, pouco tempo me sobrava, e esse passava-o no meu quarto, lendo, escrevendo, desenhando mesmo alguma coisa.

« As minhas primas tratava-as como irmãs, e tios como pessoas a quem devia, além de amizade, reconhecimento. Mal nos viamos, mal nos fallavamos, mal nos cumprimentavamos, apezar, porém, dos bons sentimentos que nos ligavam.

Cachoeira, 17—3—79

(Continuar-se-ha)

A PEDIDOS

Consagro á ti, sómente á ti,
ti querida os cantos meus,
do prepassar da viração
dos floridos jardins dos Ceos
meio-te divino Archânjo
lymph bella, meu amor,
um suspiro de minh'alma:
supplica de teu trovador.

Lorena,

Pede-se ao Sr. P. F. de O. «intelligente e illustrado» membro da mais importante familia desta cidade, que não aborrecça aos pobres assignantes do ECHO MUNICIPAL mandando pedir todos os domingos o jornal para ler!!!

Qual a razão que faz assim s. s. proceder?!

Quando, que uma pessoa grande pelo seu tamanho, «saber» e posição pincuiaria, pode muito bem ser assignante de todos os jornaes do Imperio!!

Não será isto uma miseria igual á que s. s. procede com o seu infeliz irmão atirado e desprezado dos seus em um rancho de palha á mercê de seus escravos?!!

E' melhor Sr. P.... que S. S. em vez de andar representando esse e outros papéis, vá para a sua Chacara cuidar em seus affa-

zeres, e ao mesmo tempo cuidar naquelle seu pobre irmão que a não ser a providencia Divina ja teria succumbido pela fome, sede e nudez.

Pedimos n'estemomento ao Altissimo, que dê juizo ao Sr. P. F. de O. para assim não andar representando papel que não é digno de um parente do Exm. Sur. Barão de T.

Finalizamos, desejando ao Sr. P. F. um porvir mais honroso.

Lorena, 19 de Março de 1879.

O feiticeiro

Logarim mimosa flor,
estrella vesper dos céos,
rosa dos prados divinos,
priso dos sonhos meus,
myrio dos jardins de amor,
halia mimosa do valle,
mmarcescível com odor;
ão me deixas sempre-viva
pucena linda flor.

Camara Municipal de Lorena.

Pergunta-se aos dignos membros desta Edilidade qual a razão porque o ex-procurador da Camara não tem feito até esta data entrega ao actual procurador os respectivos livros pertencentes á mesa procuradoria??

Desejamos saber.

Lorena, 19 de Março de 1879.

O desmoralizado

QUEM SERÁ?...

Essa anjo de perfeição,
Essa mulher que me mata...
Seria mais que divina
Se p'ra mim não fosse ingrata.

Muita attenção.

Saibão todos quantos este annuncio virem, e que tem de ser publicado 50 vezes por este periodico, que o sr. commandante do destacamento desta cidade não me quer pagar 75000 rs. que me está devendo de generos comprados em minha casa commercial.

Lorena 22 de Março de 1879.

O credor.

Annuuncios

AVIZO

O abaixo assignado tendo de mudar-se desta Freguezia para um outro lugar, cga aos seus amigos e freguezes o favor de virem sellar seus debitos o mais breve possivel.

Cachoeira, 13 de Março de 79.

José Perroni.

ESCRAVO FUGIDO

Fugio no dia 6 de Fevereiro de 1879 a escrava Lidia, estatura regular, fula, corpulenta, 26 annos, falla desembaraçada, bons dentes, péz grandes e mal feitos.

Fugio da Cidade de Taubaté, desconfiando-se que tomasse direcção para esta Cidade ou Cachoeira. Gratifica-se com a quantia de Rs. 50\$000 a quem apprehender-a e entregal-a n'esta Cidade ao seu senhor Getulio Braga, ou em Taubaté ao Sr. Orosimbro de Paula Velloso.

Guaratininga, 10 de Fevereiro de 1879.

100\$000 de Gratificação.

FUGIO no dia 1º de Janeiro de 1879, o escravo Flauzino, idade 25 annos, cor parda, altura regular, barba d'cavaignac, tem falta de dentes do lado esquerdo, olhos saltados, péz grandes, no andar joga um pouco para fóra, pernas grossas, tem por costume andar com um lenço ao pescoço e com o chapéo á banda. Levou calça e collete de camizira de cor, paletot de ponno azul forrado de bueta escurilata e chapéo preto alto de copa redonda. Este escravo andou já fugido por espaço de 2 annos e é conhecido pelo nome de Sabino. Consta que já esteve preso na cadeia de Aréas e que ultimamente andou por Silveiros e Itagocaba onde foi preso. Gratifica-se com a quantia acima a quem o apprehender e o levar a seu senhor, o abaixo assignado, em Campo Bello: protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o acorder. Campo Bello, 2 de Janeiro de 1879.

Diogo dos Santos Pinto.

3-3

YUVA COELHO & C.ª COM Armazem de Carne seca e Mantimentos 3 Rua de S. Bento 3 RIO DE JANEIRO

Procurador e agente nas provinciás de São Paulo e Rio de Janeiro o Sr. Capm. Nuno Domingues de Silqueira Salgueiro.

Typ. do Echo Municipal. Cachoeira.